

A FORMAÇÃO DE UM PEQUENO PROPRIETÁRIO DE TERRAS MATO-GROSSENSE NO SÉCULO XIX

Gilberto Luiz Alves, UnC, Campus de Caçador, SC

A discussão sobre a formação de um pequeno proprietário de terras, em meados do século XIX, não pode cingir-se à educação escolar. O horizonte desta, para uma boa parte dos jovens matriculados em estabelecimentos de ensino, reduzia-se ao domínio das habilidades de ler, escrever e contar, objetivo norteador do próprio ensino mútuo, então dominante (ALVES, 2005, p. 115-37). A educação escolar para eles, como decorrência, era rápida. A formação mais substantiva ocorria no âmbito do trabalho, onde o jovem preparava-se para ganhar autonomia no processo de sua produção material.

Portanto, o processo de formação do homem oscilava entre a escola e o trabalho, com larga predominância desta última instância.

O presente estudo objetiva discutir a formação dos rústicos homens que, em fins do século XIX, chegaram ao Pantanal da Nhecolândia¹ visando ocupar a região e, aí, fundar as bases materiais da pecuária. Para tanto, foi providencial o recurso da memória escrita por um desses pioneiros, José de Barros, o Jeje, editada pelos seus descendentes, em 1959, com o título de **Lembranças** (BARROS, 1959, 92 p.). Num discurso direto e sem floreios, o autor relembra a sua formação e descreve as principais vicissitudes que marcaram a constituição de suas propriedades, as iniciativas demandadas pelo desenvolvimento da pecuária, o convívio com a família e os destinos diferenciados das sucessivas gerações que viu crescerem. Às vezes, o estilo é quase telegráfico, mas a densidade das informações está sempre presente. É um repositório de informações positivas ainda não suficientemente explorado pela pesquisa acadêmica no âmbito das ciências humanas.

Por força da necessidade de delimitação, o trabalho está mais focado no processo de formação do pioneiro, daí se limitar às épocas de sua infância, juventude e aos primeiros tempos da maturidade, vividas nas regiões de Livramento e Cáceres, Estado de Mato Grosso.

¹ Para recolonizar a região, destruída após a Guerra do Paraguai, Joaquim Eugênio, o Nheco, atraiu parentes, como José de Barros, o Jeje, Gabriel Patrício de Barros, o Bié, e João Baptista de Barros, o Janjão, seus cunhados. Todos eles pouco dispunham de capital. Possuíam pecúlios limitados, expressos pelo domínio territorial novamente selvagem do primeiro e por pequenos lotes de rezes.

É necessário reconhecer, de início, a capacidade revelada pelos pioneiros da ocupação da Nhecolândia, tidos, muitas vezes, erroneamente, como *brancos*. Pobres e rústicos sim, mas não *brancos*. Pobres, rústicos e aptos para o exercício de diferenciadas lides no âmbito da produção material.

Abílio Leite de Barros, descendente desses pioneiros, escreveu um magnífico ensaio sociológico sobre essa “*gente*” (BARROS, 1998, 251 p.), que coloca por terra tal juízo equivocado. Seus estudos genealógicos permitiram vinculá-la a famílias de bandeirantes paulistas que, empobrecidas após a decadência da região mineira mato-grossense, se fixaram, sobretudo, no município de Livramento. Por outro lado, baseado na historiografia especializada, colocou em relevo a origem fidalga desses bandeirantes, também eles descendentes de uma nobreza empobrecida, em Portugal, que se deslocara para o Brasil com a intenção de enriquecer e voltar, em seguida, para a pátria. Tanto quanto os seus descendentes livramentanos, terminaram por fixar-se nas novas terras para onde se deslocaram. Mas, mesmo pobres, esses homens jamais deixaram de revelar atitudes aristocráticas que traíam sua origem social. O cultivo de práticas de convivência distintivas de sua condição fidalga² e a valorização dos estudos foram traços de comportamento que evidenciaram sua ascendência nobre e os tipificaram socialmente. Abílio Leite de Barros lembra que os filhos mais jovens da primeira geração de pioneiros já se deslocavam para os grandes centros do Brasil para realizar cursos de nível superior. Muito diferente era a atitude dos pecuaristas instalados no planalto da Serra de Maracaju, originários de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, cuja prática era a de incorporar os filhos imediatamente às lides do campo, assegurando-lhes pouco mais do que os estudos das primeiras letras. Na Nhecolândia, muito rapidamente, os pecuaristas descendentes dos pioneiros foram tornando-se, quase todos eles, “*doutores*”.

Mas, a preocupação central é a de analisar e aclarar, por meio desse documento de indiscutível importância, o livro **Lembranças**, a memória escrita por José de Barros, o processo de formação dos primeiros pioneiros chegados à Nhecolândia. É o que se intenta na seqüência.

² É ilustrativo dessas práticas um relato bem humorado de Abílio Leite de Barros, intitulado *Crônica de um baile no Livramento, com um desenlace amoroso e surpreendentes manifestações de grandeza*. O referido evento social compunha-se de três ambientes distintos. Um “*baile de primeira*” para a “*gente de nome*”; um “*baile de segunda*” para os demais brancos e um “*baile de terceira*” para negros. O critério de distribuição, acentue-se, não era de caráter econômico, pois entre os frequentadores do “*baile de segunda*” havia detentores de posses mais expressivas que muitos dos participantes do “*baile de primeira*”. A divisão era determinada pela origem social das famílias. (BARROS, 1998, p. 20-22)

Nascido em 1º de maio de 1859, no seio de família de pequenos proprietários de um decadente sítio de Cocais, próximo a Livramento, Jeje era filho de Francisco Leite de Barros e irmão de Maria das Mercês, que, em agosto de 1878, foi desposada por Nheco Gomes da Silva.

As páginas de sua memória denotam a figura de um homem que, embora tenha passado rapidamente pela escola, soube valorizar a educação e a cultura.

Com a idade de nove anos comecei a frequentar a escola pública de Livramento, regida por um professor na idade de quasi setenta anos.

No começo do ano de 1870, o professor, pela sua velhice, já pouco ou nada ensinava, razão que fez meu pai mandar-me a Cuiabá, aonde estive na escola até novembro do mesmo ano, tempo em que voltei para Cocais.

No ano seguinte entrei em uma escola no Livramento, cujo mestre se chamava José Cyrilo.

Não tenho certeza se foi em 1873 ou 74 que me despedi da escola, pois já sabia ler, escrever e fazer as quatro operações principais da Aritmética; e era bastante, tendo em vista os nossos recursos.

Agradeço a meu pai e a minha mãe esse benefício que nunca lhes pude pagar. Muito tem me servido o pouco que aprendi. (BARROS, 1959, p. 10)

José de Barros não disfarçou o seu contentamento por ter saído da escola nem viu motivo para sentir “*saudades do pêso da palmatória*”. Em seguida, conforme asseverou, “entrei na escola do trabalho, onde aprendi a lidar na roça, moer cana, carrear, campear e até cosinhar.” (Id., loc. cit.)

Os tempos de escola, porém, foram marcantes. Criaram nele o hábito de “*leitura de livros históricos e espíritas*”, atitude que, por sua vez, gradativamente, mudou sua “*fé*” tornando-o menos crédulo (Id., p. 11-2). Enquanto se transformava de menino em adulto, sentiu crescerem suas “*aspirações*” culturais, “*que até então jamais havia experimentado*”, mas que, simultaneamente, viam-se cerceadas, para efeito de canalização prática, por força da necessidade de trabalhar junto aos pais.

Senti vontade de aprender gramática portuguesa, porém era impossível: já era sensível a minha falta na roça e no engenho.

Desejei assentar praça, para, como soldado, poder estudar, e vi uma barreira inexpugnável a transpor para levar a efeito esse projeto. A minha despedida faria um alarme em meu lar; e demais, sempre me faltou coragem para apartar-me de minha família.

Compreendia que o meu dever consistia em ajudar meu pai e minha mãe a criar meus irmãos menores. (Id., p. 12. Grifo nosso)

A “*escola do trabalho*”, contudo, contribuía para ampliar os seus horizontes e a sua formação. Ajudando a conduzir boiadas, conheceu São Luiz de Cáceres e voltou a Cuiabá. Deixando Cocais, em 1882, a família se fixou em Cáceres, onde, Jeje e Janjão começaram “*a lidar com negócios e uma chácara nos subúrbios da cidade.*” Negociando “*com uma pequena taverna*”, passaram a obter “*melhor preço*” para os gêneros que produziam na chácara. Mesmo assim, não tinham “*um vintém*”. Para economizar, descortinaram a alternativa de construir uma casa, visando livrar-se, dessa forma, do aluguel. Depois de realizar a compra de um terreno, aprenderam a fabricar adobes. Inicialmente, produziam “*cem de tarefa*”. Em seguida, com maior prática, chegavam “*a fazer cento e cinqüenta adobes por dia.*” (Id., p. 13-6)

Um certo refinamento rústico não os deixava se consumirem exclusivamente no árduo trabalho material. Não se descuidavam, mesmo diante da existência pobre e humilde, do cultivo do espírito.

Às quatro da tarde, já estávamos de roupa mudada e estudando música. Às vezes exercitando uma ou duas peças novas para à noite tocarmos em serenata, com mais companheiros amantes da arte. Bom tempo foi esse... e como passou com tanta rapidez...! (Id., p. 17)

Voltando à construção da casa, quanto ao madeiramento, um amigo permitiu que retirassem “*esteios, linhas, traves, caibros e ripas*” de sua fazenda, “*situada à margem esquerda do Rio Paraguai, doze léguas acima de Cáceres.*” É importante a referência de que, para tanto, levaram “*um camarada lavrador, para nos ensinar a lavar a madeira.*” (Id., loc. cit.)

Qual um novo Ulisses, o habilidoso rei de Ítaca que demonstrara virtudes artesanais ao construir o seu próprio leito e um barco para evadir-se da Ilha de Calipso, José de Barros assim relatou as vicissitudes ligadas a essa fase da construção da residência familiar:

O serviço, que parecia mais custoso, estava por fazer, e era construir com as madeiras uma espécie de jangada nos costados de um batelão e fazê-la rodar pelo rio, até S. Luiz.

(...)

Fui feliz por achar para companheiro um velho de nome João Paca; muito prático de conduzir madeira nágua, em jangada. Era um velho muito bom, e prático também do rio. (Id., p. 18)

A jornada foi acidentada. Ao conduzir, vagarosa, a madeira lavrada, a barca, depois de um choque, naufragou. Com a ajuda de “*moradores*” do lugar, mergulhos sucessivos ao fundo

do rio permitiram a recuperação de toda a carga. Após a reconstrução da barca, o transporte de madeira se realizou sem outros sobressaltos. (**Id.**, p. 18-20)

As etapas seguintes foram, sucessivamente, a de “*carrear*” as “*pedras para os alicerces*”, faina realizada com a ajuda do irmão, e a de “*levantar a casa*”.

Janjão era o guia do carro, eu tocava. Habitamos então a carrear em plena rua, sem acanhamento. Empreitamos um carpinteiro para levantar a casa, pondo-a em ponto de receber telha pela quantia de 60 mil réis.

Para êsse serviço o oficial precisou de um companheiro. Eu o ajudei ganhando por dia, e descontou o meu salário, naquela quantia.

O projeto era de edificarmos duas salas e as alcovas correspondentes, mas para deixar de pagar aluguel, queríamos aprontar sòmente uma sala e mudarmos.

Depois completariamos a obra. Assim aconteceu. (**Id.**, p. 20)

Após ser acometido por uma doença, Jeje foi obrigado a deixar de trabalhar no campo. Tentou, por isso, obter um emprego público, mas viu frustrada a sua tentativa. Para fugir ao que chamou “*vadiagem*”, anuiu à vontade do proprietário do “*Sítio da Jacobina*”, que lhe propôs administrá-lo. Nessa famosa propriedade cujas origens radicavam-se na época colonial, José de Barros teve a oportunidade de realizar uma experiência de direção administrativa muito proveitosa, pois gerou efeitos, por certo, nas suas iniciativas futuras.

(...) Estabelecimento de cultura da cana e cereais, era o Sítio composto de boa casa, sobrado, engenho tocado a água, etc. O pessoal de trabalho era escravo.

Nunca tive vocação para mandar em coisa alheia; mas a necessidade de ganhar algum dinheiro, fêz-me ficar naquele sítio, com o fim de fazer trabalhar escravos viciados a beber aguardente e muito insubordinados, com o vencimento de 50 mil réis por mês. Era tentadora essa mensalidade naquele tempo.

Recebi livro em branco para escrituração; fomos ver o paiol de milho, distante uma légua do estabelecimento. Recebi as chaves dos depósitos de açúcar e aguardente, e depois das necessárias instruções, partiu o meu patrão com sua família para a fazenda denominada Bocaina.

Ali fiquei isolado, pois além de escravos não havia com quem se tratar. (**Id.**, p. 21-2)

Pouco mais de um ano exerceu a direção da Jacobina. Ao deixar a propriedade, “*a meu pedido*”, esclarece, conseguira juntar um pecúlio de “*500 mil réis em dinheiro*” (**Id.**, p. 22). Tinha, então, 26 anos.

Em dezembro de 1885, foi “*convidado pelo Dr. Esperidião da Costa Marques para tomar conta de um armazém, e fornecer ao Batalhão 19.º, por seis meses, ganhando 40 mil réis mensais*”. A 1º de janeiro do ano seguinte, reitera, começou “*a fornecer ao Batalhão 19.º*

e a enfermaria do mesmo.” (**Id.**, p. 23) “Sem prática nenhuma de comércio – reconheceu –, me vi por muitas vezes atrapalhado. Não custei, porém, a compreender o serviço, e dentro de um mês já trabalhava regularmente.” (**Id.**, p. 24)

Quase um ano permaneceu nessa atividade. Após desligar-se, estava completo o ciclo formativo que a escola e o trabalho lhe propiciaram. O pioneiro estava suficientemente preparado para enfrentar os desafios que a vida lhe reservava.

Ato contínuo, casou-se a 11 de dezembro de 1886 e foi residir no Sítio do Limoeiro, de propriedade do sogro, João Leite da Silva Freire. Acalentava ambições, mas não se dava ao direito de sonhar demasiado: “Querida criar gado, fundar fazenda, em pequena escala que fosse.” (**Id.**, p. 25) Daí a fundação de um sítio, “*no lugar de nome Laranjeira, onde achei proporção*”. Construiu “*um tanque*”, fez “*uma roçada para plantações*” e fixou residência, após trazer a mulher, que, imediatamente, deu à luz o seu primogênito, Aristides. Conduziu seu “*gadinho*” de Limoeiro para o novo sítio: “*12 vacas com cria foi a primeira ponta.*” Em seguida, seu sogro entregou-lhe “*cem novilhas*”, mas a tentativa de “*empastá-las*” em Laranjeira, “*serviço que me custou muito*”, assevera, frustrou-se: “*muitas delas voltaram para o antigo pasto, ficando assim perdidas para mim.*” (**Id.**, **loc. cit.**) Mesmo em face das dificuldades relatadas, em dezembro de 1888, registra: “*sinalei no correr deste ano 30 bezerros.*” (**Id.**, p. 26)

No ano seguinte nasceu o seu filho Belmiro. O tempo passava e sua vida se resumia a “*lidar com gado – cento e tantas rezes*”, em 1891, e a “*trabalhar na roça, etc.*” Diante da grande quantidade de trabalho, reclamava pelo fato de, nessa época, dispor de “*somente um camarada.*” (**Id.**, p. 29)

Sem alterações, sua existência prosseguia ao sabor do limitado ritmo de suas possibilidades, até que, em 1894, começou a levar em consideração os insistentes convites do cunhado. Já havia algum tempo, Nheco Gomes da Silva vinha manifestando o desejo de ver o deslocamento de José de Barros para a sua propriedade, no sul, visando angariar ajuda à sua reocupação. Seguindo o exemplo do irmão João, aceitou o convite.

A grande obra histórica de um conjunto de pioneiros, ligados por laços de parentesco, iria, por fim, se instaurar e se materializaria na ocupação da Nhecolândia e no desenvolvimento de uma das mais ricas regiões de pecuária de Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Gilberto Luiz (2005). **O Trabalho Didático na Escola Moderna: Formas Históricas**. Campinas, SP: Autores Associados. 154 p. (Coleção Educação Contemporânea)
- BARROS, José de (1959). **Lembranças**. (São Paulo): (João Leite de Barros). 92 p.
- BARROS, Abílio Leite de (1998). **Gente pantaneira: crônicas de sua história**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores. 251 p.
- BARROS NETTO, José de (1979). **A criação empírica de bovinos no pantanal da Nhecolândia**. São Paulo: Editora Resenha Tributária. 158 p.
- CORRÊA FILHO, Virgílio (1955). **Fazendas de gado no pantanal mato-grossense**. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola. 62 p. (Documentário da vida rural, 10)
- CORRÊA FILHO, Virgílio (1946). **Pantanais matogrossenses: devassamento e ocupação**. Rio de Janeiro: IBGE; Conselho Nacional de Geografia. 170 p. (Biblioteca geográfica brasileira, 3)
- COSTA, Paulino Lopes da (1978). **Alguns aspectos que originaram a economia do pantanal do município de Corumbá**. (Corumbá): s.ed. 32 p.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich (1986). **A Ideologia Alemã: Feuerbach**. 5.ed. Trad. de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: HUCITEC. 138 p.